

## TURISMO E LAZER EM CEMITÉRIOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

TOURISM AND LEISURE IN CEMETERIES: SOME INDICATIONS

Recebido em 29/01/2014

Aprovado em 09/12/2014

Olga Maíra Figueiredo<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEO - UERJ). Professora associada ao Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro (NeghaRio). [olga\\_wintersun@yahoo.com.br](mailto:olga_wintersun@yahoo.com.br)

### RESUMO

No âmbito da organização do espaço, os cemitérios efetivam-se como artefatos de significativa relevância e suscetíveis a diversas análises e interpretações. Marcas impressas pelo homem, refletem a estrutura social, cultural, religiosa, identitária da comunidade que os criaram, sendo impregnados de valores e significados, compondo, desta maneira, um rico e denso quadro cultural e de experiências. Nestas circunstâncias, o artigo tem como escopo abordar e analisar a exploração turística e de lazer nos espaços internos dos cemitérios a partir da utilização de seus potenciais históricos, artísticos, culturais, religiosos e identitários. Para alcançar tal intento, pretende-se, em um primeiro momento, refletir a respeito do processo de construção das necrópoles modernas, quer sejam as construídas no período regente da medicina sanitarista, relacionando-as com suas funções de recreação. Para, em seguida, apresentar algumas experiências dessa modalidade de turismo em campos dos mortos brasileiros e estrangeiros. De tal sorte, o estudo transforma-se em um importante veio para a compreensão da relação turismo e cemitério.

### PALAVRAS-CHAVE

Cemitério. Turismo. Cultura. Práticas Socioespaciais

### ABSTRACT

In the scope of space's organization, the cemeteries are accomplished as devices of great relevance and susceptible of diverse analyses and interpretations. Marks printed by the man, reflect the social, cultural, religious and identity structure of the community that had created them, and are impregnated of values and meanings, composing, in this way, a rich and dense cultural context and experience. In these circumstances, the article aims to show and analyse the tourism and leisure in the internal space of cemeteries from the use of its historical potential, artistic, cultural, religious and identity. To achieve this purpose, it is intended, in the first instance, reflect on the modern construction process of the necropolis built in the period of sanitary medicine, relating them to their recreation functions. After that, some experiences of this type of tourism will be presented in Brazilians and foreigners' graveyards. Therefore, the study becomes an important way to understanding the relationship between tourism and cemetery.

### KEYWORDS:

Cemetery. Tourism. Culture. Social and Space practices

## 1. INTRODUÇÃO

Atravessam a cidade inteira para chegar ao local do piquenique. Estacionam o carro e entram. O porteiro, que já os conhece, cumprimenta-os com um sorriso. Nunca deixam de comentar a beleza do lugar. Quantas árvores, quanto verde. E além da beleza natural, pode-se apreciar as estátuas, a arte de escultores — alguns até famosos, a mamãe viu num livro.

— Estou com fome — diz a menina.

— Eu também — comenta o garoto. — Precisamos esperar para comer?

O pai consulta o relógio. Quase meio-dia.

— Não vamos esperar — decide. — Comemos agora mesmo!

— Oba!!! — fazem as crianças. E a família senta no primeiro túmulo disponível.

Enquanto abrem a cesta, comentam como o cemitério **está** cheio hoje. Lotado de famílias. Também, o dia está lindo!

— Essa moda de visitar cemitério no fim-de-semana deveria ter começado antes — diz o pai, mordendo um sanduíche. Um lugar bonito, sossegado, cheio de verde... Onde pode ser melhor para um piquenique? (Dóris Fleury)<sup>1</sup>.

Os cemitérios fazem parte de um contexto polêmico, por excelência. Esses locais de respeitabilidade, intocabilidade e de memória aos que já faleceram são envoltos em uma aura de mistério. Fascínio ou repúdio, tais locais são responsáveis por despertar diversos sentimentos, atitudes, opiniões, ideias, imagens, representações conflitantes e complementares. Isto é, tratam-se de quadros paradoxais. O trecho literário exposto acima, constituinte de um livro referente a histórias de personagens fantasiosos, revela a utilização de um cemitério para a realização de um piquenique. Embora o objetivo da autora neste conto fosse construir e entrelaçar situações e atitudes, entendidas pela escritora, extraordinárias e, até mesmo absurdas, o uso dos cemitérios para o lazer e o turismo é uma prática difundida em diversos países do continente europeu e americano.

---

<sup>1</sup> Encontrado em: FLEURY, Dóris. Finja que não viu. In: HEREDIA, Alexandre *et all.* Necrópole – histórias de fantasmas, volume 2. São Paulo: Editora Alaúde, 2006:152.

Mais do que isso, não se trata de uma ‘moda’ recente, como afirmado pelo pai da família da narrativa. Na realidade, compõe um costume secular presente na sociedade. Isto é, o artigo compreende que as necrópoles edificadas no contexto da medicina higienista do século XVIII e XIX tinham como propósito providenciar um local tanto para a realização dos sepultamentos e dos cultos fúnebres como também de lazer, recreação, educação e apreciação de monumentos, mausoléus e elementos naturais existentes nos interiores destes campos dos mortos.

Nestas circunstâncias, o texto tem como objetivo abordar e analisar a sistematização das práticas turísticas e de lazer nos espaços internos dos cemitérios a partir da utilização de seus potenciais históricos, artísticos, culturais, religiosos e identitários. Assim como, serão apresentadas experiências dessa modalidade de turismo em campos dos mortos brasileiros e estrangeiros. Logo, através da decodificação dos cemitérios, pode-se entender a sociedade que os criaram, uma vez que estes são entendidos como expressões da morte (FRANCAVIGLIA, 1971). Nesta direção, as necrópoles e “todas as suas estruturas e monumentos mortuários compreendem um expressivo, dinâmico e complexo mosaico cultural” (FIGUEIREDO, 2010, p. 10).

Diante do exposto, em um primeiro momento será apresentado o processo de construção das necrópoles modernas, quer sejam as construídas no período regente da medicina sanitária, relacionando-as com suas funções de recreação. E, finalmente, pretende-se explorar o turismo cemiterial, seus aspectos positivos e negativos.

## **2. A EDIFICAÇÃO DE CEMITÉRIOS NA ERA HIGIENISTA**

Nas sociedades cristãs europeias, desde a Idade Média os sepultamentos, geralmente, ocorriam no interior das igrejas, em seus pisos ou paredes, nos muros externos ou ao redor do templo (no pátio). Os locais de sepultamento obedeciam a uma hierarquia, isto é, existiam áreas mais privilegiadas para os sepulcros. Os altares e o vestíbulo da igreja eram destinados aos nobres e autoridades políticas e eclesiásticas. Outras zonas privilegiadas eram as galerias e os carneiros, já na parte externa à igreja. Nestas circunstâncias, no adro entre os carneiros configurava-se o local mais desfavorecido para o sepultamento, as valas comuns. Designados aos pobres, tratavam-se de fossas amontoadas de cadáveres que somente eram fechadas quando estavam cheias, para em seguida abrir

uma nova. Em alguns casos, vítimas de surtos epidêmicos eram enterradas no adro (ARIÈS, 1977, 1981; ZIEGLER, 1977; RODRIGUES, 1997; QUEIROZ e RUGG, 2003; REIS, 2004).

Segundo Ariès (1981), a necrópole medieval, como a igreja, era o centro da vida social, e, até o século XVII configurava-se tanto com a ideia de um espaço reservado aos mortos como de servir como uma praça pública, local de encontro e de foro. Na realidade, o campo dos mortos era usado como asilo; casas eram erguidas entre e por cima dos carneiros, habitadas por padres ou alugadas a leigos. Conviviam-se lado a lado com as valas abertas, com seus corpos putrefatos. O cemitério desempenhava, igualmente, a função de mercado e feira, no qual ocorriam proclamações, sentenças, anúncios, leilões, encenações, jogos, danças e tocava-se música (SCHMITT, 1999). Dito isto, o campo dos mortos era “simplesmente a grande praça, (...) o lugar público por excelência” (ARIÈS, 1981, p.75). De maneira geral, os habitantes da comunidade podiam passear e se reunir no cemitério para a pregação, procissão e distribuição de sacramentos. Deste modo, combinavam-se manifestações religiosas e, da mesma forma, atividades profanas. Todavia com a construção das praças públicas, “a função de lugar público passou do cemitério para a praça vizinha. Mas durante muito tempo, (...) o cemitério foi a grande praça pública” (*ibid.*: 76).

No Brasil, seguindo a lógica cristã portuguesa, desde o período colonial os sepultamentos eclesiásticos eram realizados. Reis (2004) e Coe (2008) afirmam que todo o católico tinha o direito de ser enterrado na igreja de sua escolha, se não a indicasse em vida, automaticamente era sepultado em sua matriz paroquial. Como na Europa, no Brasil também se verifica uma hierarquia social após a morte, pautada na localização dos sepulcros no interior da igreja (REZENDE, 2006). De acordo com Reis (2004), existia uma divisão entre a parte interna do edifício (o corpo) e o adro (a área externa). Nestas circunstâncias, uma cova no adro era de tal maneira desprestigiada que podia ser obtida até gratuitamente, enterrando-se neste local escravos e pessoas livres muito pobres, que, muitas das vezes não possuíam uma família que assegurasse um sepulcro dentro da igreja (ZIEGLER, 1977; QUEIROZ e RUGG, 2003; REIS, 2004). Na área interna, verifica-se uma outra separação, ou seja, delimitavam-se locais específicos para os enterros promovidos pela irmandade da igreja em questão. Além disso, quanto mais próximo do altar, das imagens e das relíquias dos santos, mais dispendiosa e privilegiada era a sepultura.

Com efeito, a partir do século XVIII (na Europa) e do século XIX (no Brasil), tal costume de enterros sofreu radicais mudanças. Isto resultou na emergência de novos pensamentos e atitudes em relação à morte, mas principalmente em relação ao espaço urbano.

Nestes termos, os discursos médicos dominantes, balizados na teoria miasmática, difundiam a crença de que o ambiente era o responsável pela formação e alastramento de doenças. Por seu turno, Ferreira e Silva (2001) frisa que o processo de decomposição da matéria orgânica adquiriu relevância nos debates clínicos, na medida em que se acreditava ser um elemento fundamental para a formação e desenvolvimento de focos de enfermidades. Segundo Murray (2003), acreditava-se que os miasmas eram considerados prejudiciais à saúde, sendo atribuídos à insalubridade do meio urbano. Neste sentido, a putrefação de cadáveres exalavam gases nocivos que ameaçavam os vivos. Odores fétidos eram sinais da presença infectuosa dos miasmas. Revela-se o princípio de uma vigilância olfativa na cidade (RODRIGUES, 1997; MURRAY, 2003; COE, 2008). Desta maneira, as habitações coletivas, a falta de higiene nos matadouros, açougues, armazéns e hospitais eram objetos de precaução dos médicos sanitaristas. Não obstante, os pequenos cemitérios presentes na urbe e a forma de sepultamento vigente tornaram-se os principais alvos desse discurso, na proporção em que apresentavam drenagens superficiais inadequadas, bem como valas abertas. Assim, a partir deste momento, manifesta-se uma transformação da mentalidade concernente às necrópoles. Isto é, são encaradas como um mal pestilento (MURRAY, 2003; JOHNSON, 2008).

Nestes termos, a cidade, *locus* de aglomeração populacional e de equipamentos insalubres, era considerada o principal foco de epidemias e contágios. Portanto, os cemitérios, matadouros, curtumes, por exemplo, passam a ser expulsos do núcleo habitacional da urbe, sendo controlados por rígidas normas e leis de fiscalização. Nesta acepção, percebe-se um novo papel do projeto médico, pautado, agora, na prevenção e não na ação direta sobre a doença, procurando “atuar sobre os componentes naturais, urbanísticos e institucionais” (RODRIGUES, 1997: 56). Quanto a este ponto, complementa-se com a afirmação de Coe (2008: 49) no que diz respeito ao profissional médico que

passou a ser considerado não apenas alguém que possuía uma técnica especializada e conhecia os grandes teóricos da Medicina, mas também uma autoridade, que buscava intervir nas questões relacionadas ao melhoramento do espaço urbano. Alguém que não só decidia e executava, mas também fiscalizava e punia. Passou a haver, a partir de então, uma relação implícita entre saúde e sociedade e a necessidade iminente de construção de um planejamento urbano.

Nestas circunstâncias, trata-se do início, conforme Costa (2003), da especialização, racionalização do espaço e segregação de algumas atividades, neste caso, nocivas à saúde. Neste momento, o espaço urbano é incorporado como objeto de reflexão da prática médica.

Neste contexto, a medicina social determinava um moderno projeto de necrópole com uma ordenação interna própria, além de novas localizações. Deveria ser situada em áreas afastadas do núcleo urbano, com muros altos a fim de se evitar a transposição de animais domésticos, longe de cursos fluviais e de áreas inundáveis (RODRIGUES, 1997; COSTA, 2003; REIS, 2004; JOHNSON, 2008). O local escolhido precisava obedecer a certas exigências relacionadas a composição do solo, declividade e aeração dos terrenos, devendo proporcionar uma dissipação e circulação dos ventos, ao tipo de vegetação que, além de conferir um embelezamento estético, ajudava na purificação do ar. Mesmo as áreas geométricas das necrópoles e túmulos foram levadas em consideração, preferindo-se coerentes formas retangulares e retilíneas. Outros requisitos a respeito da organização interna do campo dos mortos foram debatidos como a largura e distância entre as sepulturas e a profundidade das covas (RODRIGUES, 1997; COSTA, 2003; REIS, 2004; JOHNSON, 2008). Internamente, o espaço deveria ser dividido em áreas, a partir da realização de cálculos e projeções. Propõe-se, também, a conservação dos cemitérios, como a execução da poda das árvores, corte da grama e recolhimento do lixo (JOHNSON, 2008). Espacializar e disciplinar um local para sepultamentos representou uma mudança de mentalidade em relação à própria morte, marcando alterações na paisagem urbana (COSTA, 2003). Se no passado os mortos conviviam no mesmo espaço com os vivos, agora, cada vez mais, são isolados, segregados.

Desta maneira, tais cemitérios edificadas por convicções médicas, científicas e racionais reforçam e englobam uma série de características estéticas e morais, envolvendo princípios do Iluminismo e do Romantismo (MURRAY, 2003; JOHNSON, 2008). Os campos dos mortos deste período foram definidos e designados para exercerem “funções públicas e privadas de sepultamentos, consolação e educação” (MURRAY, 2003, p.130). Um importante ponto de análise é a incorporação da natureza na paisagem dos cemitérios, na medida em que evocam imagens mentais, sentimentos e associações românticas. Ao mesmo tempo, a implantação de monumentos, mausóleos e arquiteturas tumulares, pautados na memória e identidade dos indivíduos ou grupos, em comunhão com a natureza permitiu que o cemitério se tornasse, nas palavras da mesma pesquisadora (*ibid.*, p.130), “um santuário de espiritualidade, decência e decoro”. Mais do que isso, segundo Rugg (1998) e Johnson (2008),

tratam-se de importantes instituições cívicas, responsáveis por imprimir moral no público, e, da mesma forma, locais onde o pesar e a tristeza pela perda de um ente querido poderiam ser expressos, no qual suas memórias e identidades (grafadas em placas, cruces ou erguidas através de monumentos e mausoléus) poderiam ser celebradas, recordadas e revivificadas. Os túmulos, agora identificados, “ao invés de marcar a ruptura do tempo e a inevitável decadência, transformam-se em ferramentas instrutivas” (JOHNSON, 2008: 784), estimulando a construção de memórias. Cabe lembrar, poucos eram os sepulcros identificados nas igrejas. Porém, nos cemitérios, poucos serão os túmulos não identificados. Conforme Miller e Rivera (2006) e Figueiredo (2010), com a Revolução Industrial, que expandiu o sistema capitalista, as necrópoles foram utilizadas para reverberar o sucesso material alcançado pelo morto em vida, evidenciado, justamente, nas suntuosas arquiteturas, mausoléus e monumentos tumulares, servindo para expressar *status* e classe. A sepultura transformou-se em uma propriedade sagrada, privada e exclusiva.

Desta maneira, as necrópoles representam, conforme Osman e Ribeiro (2007: 7), “um resumo simbólico da sociedade no qual está inserido, pois é nelas que se pretende perpetuar o status e o estilo de vida das diferentes camadas da sociedade, mesmo depois da morte”, apresentando em seus interiores desde sepulturas individuais até jazigos de famílias e monumentos suntuosos. Assim, tais cemitérios foram edificadas para, primeiramente, servirem aos vivos. Isto é, estes campos dos mortos construídos neste período foram idealizados para não apenas serem um local de sepultamento e para a realização de práticas funerárias, mas também para perpetuar e/ou enfatizar a memória de indivíduos e grupos sociais, e, ainda, para a recreação, educação e visita (JORDAN, 1982; QUEIROZ, 2008). Como exemplos, citam-se a edificação do Cemitério Père-Lachaise em Paris e a emergência do modelo de cemitérios rurais nos Estados Unidos, cuja primazia deve-se ao Cemitério de Mount Auburn em Boston. A necrópole francesa inaugurada em 1804, comissionada por Napoleão Bonaparte e idealizada pelo arquiteto Alexandre Théodore Brongniart, foi uma substituta para os pequenos campos dos mortos situados na área central parisiense que foram fechados em 1786. Na realidade, o cemitério foi concebido para ser a primeira necrópole tolerante (no seu caráter laico) e obediente às normas da medicina sanitária moderna e, além disto, de servir como um parque e como um ponto de visitação a partir da conjugação de elementos naturais (flores e árvores) com monumentos e esculturas tumulares (ASTRIÉ, 1865; PITTE, 2004; THOMPSON, 2007). Todavia, ocorreram resistências da burguesia local para o sepultamento no Cemitério de Père-Lachaise devido a sua distância do núcleo urbano e de estar situado em uma localidade pobre

da cidade. Contudo, um ano depois de sua inauguração, por causa do reduzido número de enterros, os administradores da necrópole valeram-se de uma estratégia a fim de contornar este problema, quer sejam as transferências dos restos mortais do literato Jean de La Fontaine e do dramaturgo Molière para o cemitério. Em 1817, transferiram os despojos do célebre casal Pedro Abelardo e Heloísa de Paráclito, bem como foi erguida uma cripta mortuária no local. Foi a partir disso que a imagem dessa necrópole foi alterada. Vale sublinhar, tal campo dos mortos foi imortalizado pelo escritor Honoré de Balzac na medida em que quando os personagens em suas obras morriam, eles eram sepultados no Père-Lachaise. É inegável a influência direta ou indireta desta necrópole e suas características na concepção, no *design*, na arquitetura e na ordenação interna dos cemitérios na Europa, na América do Norte e no Brasil (MARTIN, 2004; PITTE, 2004; THOMPSON, 2007). Já o Cemitério de Mount Auburn, construído em 1831 em uma área afastada de Boston, foi planejado como resposta a saturação do núcleo central por pequenos campos dos mortos, conciliando as preocupações de saúde pública da época. Congregando aspectos românticos e idílicos da natureza em seu espaço interno, este foi projetado para exercer múltiplas funções, como: instruir a respeito do valor do ambiente natural, servir como informações históricas (ênfaticamente pelas realizações pessoais grafadas em cada túmulo) e como área de contemplação e visitação, um verdadeiro escape do alarido da urbe (MILLER e RIVERA, 2006; OSMAN e RIBEIRO, 2007; FIGUEIREDO, 2010).

Vale destacar, consoante com Queiroz (2008, p.7), os campos santos criados neste período “foram concebidos precisamente para serem visitados e admirados pelas obras de arte neles contidas, obras essas que eram muitas vezes representativas do que de melhor se fazia na época”. Ao garantir um local inviolável para os corpos e conjugando-se em um sítio de romantização e sentimentalização da morte e do morto, as necrópoles tornaram-se áreas fundamentais para as visitas, recordações e reflexões (MARTIN, 2004). De fato, tais visitas foram idealizadas para “envolver uma completa experiência estética do lugar” (MARTIN, 2004, p. 336). Complementa-se o discurso afirmando que os planejadores dos cemitérios no século XVIII desejavam que estes objetos fossem “parques organizados para a visita familiar e museus de homens ilustres”, da mesma maneira em que os túmulos dos homens representativos e heróis da pátria fossem “venerados pelo Estado em tais locais” (ARIÈS, 1977, p.47). Desta maneira, o cemitério pode agrupar cultos fúnebres privados e públicos. Neste contexto, estes campos dos mortos erguidos no período Romântico foram idealizados para não apenas serem um local de sepultamento e para a realização de práticas funerárias, mas também para perpetuar e/ou enfatizar a memória de indivíduos e grupos sociais, e,

ainda, para a recreação, visita e educação, configurando-se múltiplas práticas sócio-espaciais nas necrópoles (JORDAN, 1982; RUGG, 1998; MURRAY, 2003; JOHNSON, 2008; QUEIROZ, 2008).

Entretanto, a partir do declínio do Romantismo, conforme define Queiroz (2008, p.7), “a própria vivência do cemitério urbano como espaço de passeio alterou-se. O investimento artístico passou a ser muito reduzido e, em alguns casos, monumentos e cemitérios inteiros foram desmantelados, invocando-se inúmeras razões”. Nestas circunstâncias, a concepção e a função dos campos dos mortos mudaram, sendo destinados apenas para práticas funerárias e não mais para o lazer; principalmente os construídos após a Segunda Guerra Mundial, expressados na emergência dos cemitérios-jardins pautados no modelo americano do *Memorial Garden* e dos cemitérios verticais como locais privados de sepultamentos (RUGG, 2006). No entanto, na Europa, a partir das décadas de 1960 e 1970, despertou-se interesse acerca dos cemitérios, agora imbuídos de noções referentes à cultura, identidade e patrimônio histórico. E, é justamente nos idos dos anos de 1990 que o turismo em cemitérios se torna mais expressivo no mundo, explorando os mesmos valores apresentados acima (QUEIROZ, 2008).

Cabe, no próximo item, fazer referência à atividade turística nas necrópoles, acentuando suas potencialidades e implicações.

### **3. O TURISMO CEMITERIAL: EXPERIÊNCIAS E POTENCIAIS**

A visitação aos túmulos de líderes e autoridades religiosos e/ou políticas é uma prática comum desde os períodos mais remotos até os hodiernos dias. Alves Junior (2003) lembra que no século IV aflora o culto aos lugares sagrados do Ocidente cristão a partir da peregrinação aos sepulcros de São Pedro e São Paulo, em Roma. Atualmente, nota-se a afluência de milhares de pessoas aos mausoléus de chefes de Estado, construídos no século XX, como o Mausoléu de Mohammed V em Rabat (Marrocos), finalizado em 1971; o Mausoléu de Lênin em Moscou (Rússia), aprontado na década de 1930; o Mausoléu de Ho Chi Minh em Hanói (Vietnã), inaugurado em 1975; e o Salão e Memorial do Presidente Mao, popularmente conhecido como Mausoléu de Mao Tsé-Tung, em Pequim (China), concluído em 1977. Vale ressaltar, nos três últimos mausoléus citados é possível ver os corpos embalsamados de tais políticos que estão dispostos em caixões de cristais. Cabe

salientar, também, o Egito, cuja a visitação turística das antigas tumbas faraônicas, como o complexo de pirâmides de Gizé a Danschur, contribui expressivamente para a economia do país.

Quanto à visitação a cemitérios, Meyer e Peters (2001) revelam que desde 1802, o Cemitério St. Louis Nº 1 esteve referenciado em publicações de jornais, diários de viajantes e em revistas de viagens como uma fonte de inspiração para o turista e uma curiosidade que devia ser visitada em New Orleans. Vale citar em 1865, na França, foi publicado, de autoria de Théophile Astrié, o livro *Guide dans les cimètieres de Paris*. Trata-se de um minucioso guia dos cemitérios parisienses – Père-Lachaise, Montmartre e Montparnasse – abrangendo informações a respeito das obras de artes, famílias e indivíduos notáveis merecedores de serem visitados nestes cemitérios. O livro ainda instrui a cerca de determinadas regras que devem ser obedecidas pelos visitantes nas necrópoles, horários de funcionamentos e de como chegar a esses locais. Figueiredo (2010), ao estudar o Cemitério dos Ingleses no Rio de Janeiro, mostra como este campo dos mortos recebeu ilustres visitantes desde a sua inauguração em 1811, como viajantes ingleses que aportavam na cidade, o Imperador do Brasil D. Pedro I e a Rainha Elizabeth II do Reino Unido.

Neste contexto, Stone (2006) aludia para uma nova tipologia de turismo, o chamado turismo sombrio<sup>2</sup>. Este seria o ato de viajar para áreas associadas à morte, ao sofrimento e até mesmo ao macabro, compreendendo um fenômeno essencialmente comportamental, na proporção em que a motivação dos turistas é oposta as características particulares de outras atrações ou locais. Nesta categorização encontra-se a prática turística em parques temáticos voltados para o terror, em prisões, em antigos campos de concentrações e em cemitérios. Este último como um campo nostálgico. Na realidade, alguns autores distinguem necroturismo de turismo cemiterial ou turismo em cemitérios. O primeiro termo refere-se à visita a localidades entendidas como assombradas, podendo incluir cemitérios, chegando a utilizar aparelhos especiais para a detecção de atividades paranormais. Enquanto que o segundo especifica a afluência de pessoas a necrópoles motivadas por seu teor cultural, artístico e histórico. Mas, algumas vezes tais vocábulos se confundem e são usados como sinônimos. No artigo em tela, não será enfatizado e nem referenciado o turismo a cemitérios por causa de ações paranormais.

---

<sup>2</sup> Traduzido pela autora do vocábulo *dark tourism* empregado por Stone (2006).

Cabe nesta parte do texto pontuar a respeito das diferentes classificações assumidas pelos diversos estilos de sepultamentos no Brasil, utilizando para isso a taxionomia proposta por Rezende (2008). Neste sentido, o cemitério denominado popular compõe amplos terrenos para inumação de pessoas de classes de menor poder aquisitivo da sociedade. Após completar três anos de sepultamento, ocorre a exumação do corpo que, posteriormente, é depositado em ossários ou nichos, dependendo dos interesses e posses dos amigos e familiares. Este campo dos mortos diferencia-se por não haver monumentos, mausoléus ostentosos e nem capelas. Os cemitérios tradicionais ou históricos abrangem os edificadados, nos séculos XIX e aurora do século XX, a partir dos discursos sanitaristas. Estas necrópoles apresentam um expressivo arranjo arquitetônico pautado pelas esculturas tumulares e mausoléus erigidos em bronze, mármore ou granito. Por conseguinte, os campos dos mortos verticais ou *columbarium* são edifícios com vários andares, nos quais apresentam gavetas sobrepostas, os chamados lóculos. Foram construídos para minimizar os impactos na urbe no que tange na utilização do espaço e para reduzir o risco ambiental, uma vez que possui uma rede de tubulação responsável por aspirar e tratar os gases provenientes da decomposição da matéria-orgânica. O *Memorial Garden* ou cemitério-jardim emprega vastas áreas verdes sem arborização e nenhuma monumentalidade nas sepulturas, uniformizando as lápides, promovendo, aparentemente, uma igualdade entre os homens, sem discriminação econômica. Possuindo um dispendioso custo por metro quadrado, tal campo dos mortos tenta desvincular o imaginário de dor e sofrimento desses espaços, associando-os a ideias de paz e meditação. Os cemitérios religiosos são os intramuros de caráter perpétuo, ou seja, os sepulcros no interior de igrejas católicas e conventos. As necrópoles mistas são aquelas que combinam mais de um estilo de campo dos mortos. Há, ainda, os cemitérios de escravos, de indígenas e de familiares (REZENDE, 2008).

Diante do exposto, o cemitério reflete os costumes funerários, mentalidades a respeito da morte, valores, identidades, religiosidade, estilo arquitetônico e memórias das comunidades que os criaram. Em seu interior, segundo Osman e Ribeiro (2007, p.8), “a história da cidade e de seus habitantes se eterniza, entre jazigos de mármore e granito, nas esculturas sacras e profanas, nos bustos e nos retratos”. Nesta direção, o turismo cemiterial, derivado do turismo cultural, surge como um importante fenômeno sócio-econômico que, através de visitas guiadas, se propõe a exaltar as necrópoles como extraordinárias fontes históricas para a preservação da memória individual e coletiva, relíquias arquitetônicas, patrimônios históricos e culturais, ou melhor, como verdadeiros museus a céu aberto (ROSSI, 2007; CABANAS e RICCI, 2008; FIGUEIREDO, 2010). Na verdade,

a prática em tela baseia-se na comercialização/venda da tríade: natureza, arquitetura tumular, personalidades sepultadas. Isto é, quanto mais uma necrópole apresentar em seu interior suntuosos monumentos e esculturas, túmulos de vultos da história e personalidades artísticas, além de conjugar componentes naturais, mais ela será apropriada pela atividade turística. Quanto mais significados históricos ou culturais impregnados nos campos dos mortos, maior será o fluxo de turistas. Queiroz (2008) atenta para o fato de que o potencial turístico de um cemitério também leva em conta sua localização, enquadramento urbano, asseio e, sobretudo, sua homogeneização interna.

Logo, o turismo cemiterial não é realizado em todos os tipos de campos dos mortos. Observa-se que o mesmo acontece, majoritariamente, nos cemitérios históricos, devido ao fato que eles reúnem os itens enfatizados e valorizados pela atividade turística. Vale ressaltar, nos cemitérios-jardins ocorre, muitas vezes, a visitação de um expressivo número de pessoas aos túmulos de ícones do passado, como, por exemplo, o significativo fluxo de japoneses ao sepulcro de Ayrton Senna no Cemitério do Morumbi, em São Paulo (REZENDE, 2006). Desta maneira, o turismo neste tipo de campo dos mortos resume-se a visitação de jazigos de vultos falecidos. Cabe destacar, de acordo com Queiroz (2008, p.10), “os cemitérios históricos (...) são como cidades em miniatura e também possuem os seus centros históricos, frequentemente descaracterizados por obras mais recentes ou pela alteração da própria paisagem original”; no qual muitos são descaracterizados por suas constantes renovações.

Devido ao turismo, os campos dos mortos tornam-se um elemento de integração com a sociedade, fonte de trabalho e renda, dinamizando a economia local (CABANAS e RICCI, 2008). Segundo Figueiredo (2010, p.47-48), muitas vezes a promoção de visitas guiadas nos cemitérios trata-se de uma estratégia dos mesmos com a finalidade de angariar fundos e “contornar a situação de abandono que alguns se encontram derivados de vandalismos, violações de túmulos, roubos, grande número de sepultamentos, auxiliando na preservação e monitoramento destas áreas”. De outro lado, o turismo cemiterial é usado como uma ferramenta pelos planejadores urbanos para a revalorização/reabilitação dos bairros onde se encontram as necrópoles, e, até mesmo para incorporar estes espaços marginalizados nos estratégias do mercado turístico, na qual o cemitério contribui como uma nova forma para a arrecadação municipal. Portanto, atribuem-se múltiplos valores e usos nos campos dos mortos, além de conservar determinados espaços e paisagens passíveis de serem apropriadas pelo turismo (STONE, 2006; ROSSI, 2007; THOMPSON, 2007).

As vantagens do turismo nos campos dos mortos relacionam-se, principalmente, com as seguintes afirmações: ajuda na conservação e monitoramento dos cemitérios, evitando a sua degradação e descaracterização; colabora para uma maior dinamização da economia local; resgata ou fortalece a identidade local ou regional; amplia o senso de cidadania; providencia meios de disseminação das informações contidas nos cemitérios para o público em geral; tece laços entre os campos dos mortos e o seu entorno; gera novos postos de trabalhos; bem como, valoriza a própria necrópole, despertando a sociedade para os seus problemas e significações como um patrimônio (MEYER e PETERS 2001; CABANAS e RICCI, 2008; ROSSI, 2007; QUEIROZ, 2008). Contudo, é necessário refletir sobre os impactos que um elevado número de visitantes pode provocar no cemitério, como por exemplo, a questão do lixo, barulho e vandalismo produzido pelos turistas (MEYER e PETERS 2001). Além disso, sublinha-se a questão dos conflitos entre a visão do cemitério como um espaço sagrado e como um espaço turístico. Isto é, pergunta-se como se deve proporcionar e coordenar uma prática turística (que envolve ideias de lazer, recreação e aquisição de conhecimento) que respeite as práticas fúnebres e, também, a visitação de familiares e amigos aos seus entes sepultados (MEYER e PETERS 2001; ROSSI, 2007).

Na Europa, as necrópoles são pontos turísticos consolidados, no qual passeios monitorados por seus espaços internos atraem uma expressiva (e cada vez maior) quantidade de turistas. Nesta direção, ressaltam-se as três necrópoles mais conhecidas de Paris: o Cemitério de Père-Lachaise, o Cemitério de Montparnasse, criado em 1824, e o Cemitério de Montmartre de 1825. Todos estes são assinalados como roteiros turísticos da cidade, lado a lado com outros destinos parisienses difundidos pelo mundo, como a Torre Eiffel e o Museu do Louvre. Só o campo dos mortos de Père-Lachaise (o maior jardim intra-muros da capital), com seus 70 mil túmulos, recebe anualmente uma cifra de 2 milhões de visitantes<sup>3</sup>. Esta necrópole conta com guias de turismo qualificados e especializados (muitas vezes bilíngües) que conduzem os visitantes aos jazigos mais significativos em determinados dias e com hora marcada, sendo que tal passeio é pago com o valor variando de pessoa por pessoa. Panfletos informativos, contendo a localização dos túmulos de personalidades célebres são entregues na entrada. Também é possível realizar esse roteiro através de um *tour* virtual.

---

<sup>3</sup> <http://www.mairie20.paris.fr>.

Nesta senda, cabe citar, o Cemitério Monumental de Milão de 1866, considerado uma marca identitária da cidade, possuindo um serviço de visitas guiadas desde 1998. Estima-se um número de 80 mil visitantes por ano neste campo (QUEIROZ, 2008). Em seu sítio eletrônico é possível encontrar fotos, mapas e realizar uma visita virtual<sup>4</sup>. O mesmo número de visitantes, acima referido, também é verificado na necrópole de Highgate em Londres. Esta apresenta passeios temáticos, com preços que variam por pessoas. Vale ainda apontar outros campos dos mortos cujo turismo é muito praticado, como o Cemitério de Skogskyrkogården em Estocolmo, construído em 1920 e tombado, pela UNESCO, na década de 1990, como patrimônio da humanidade; a necrópole de San Michele de 1862, situada na ilha de mesmo nome (e apelidada de ilha dos mortos) em Veneza; e, em Lisboa, existe o Cemitério dos Prazeres (erguido em 1833), no qual há um projeto de musealização deste campo dos mortos (OSMAN e RIBEIRO, 2007; QUEIROZ, 2008). No ano de 2001, foi criada, com o objetivo de estabelecer uma rede de turismo em necrópoles europeias, a Association of Significant Cemeteries in Europe (A.S.C.E.), com representação em mais de vinte países do continente. Na Austrália, foi publicado guias para a conservação dos cemitérios com rígidas instruções do que é permitido fazer nos históricos campos dos mortos do país (QUEIROZ, 2008).

Nos Estados Unidos, destacam-se os cemitérios de alto luxo em Hollywood, como o Hollywood Forever e o Forest Lawn Memorial Park, contando com um grande fluxo de visitantes a fim de conhecer túmulos de astros e estrelas de outrora. Neste último, existe na entrada um mural explicativo com a localização dos túmulos das personalidades inumadas no local. Além disso, há toda a sorte de infra-estrutura para atender os turistas, apresentando estabelecimentos comerciais que vendem mapas do cemitério e *souvenirs* (THOMPSON, 2007). Na necrópole Nacional de Arlington, erigida em 1802, no estado da Virgínia é cobrada uma taxa de entrada. O mesmo ocorre no Cemitério de Cólón em Havana e, no museu e campo dos mortos de Presbítero Maestro (Lima) possui, inclusive, roteiros noturnos (SILVERMAN, 2002). Já no Cemitério da Recoleta as visitas monitoradas são realizadas semanalmente, constituindo-se uma das mais expressivas necrópoles na questão turística na América do Sul (QUEIROZ, 2008; FIGUEIREDO, 2010).

Enquanto isso, o Brasil pouco tem explorado turisticamente seus campos dos mortos. Segundo Osman e Ribeiro (2007, p.12), “as experiências (...) ainda ‘patinam’ nas propostas, ‘derrapam’ em sua consolidação e são ‘freadas’ pelo descompasso das sucessivas administrações municipais”.

---

<sup>4</sup> <http://www.monumentale.net>.

Conforme os mesmos autores, na cidade de São Paulo, desde 1980, a Prefeitura tem o interesse em utilizar as necrópoles como pontos turísticos, para tanto foi criada uma comissão para a catalogação de obras artísticas nos cemitérios da Consolação, do Araçá e de São Paulo. Porém, o trabalho foi extinto, e posteriormente foi retomado, mais precisamente em 2001, a partir da criação do Projeto Arte Tumular, o qual realiza visitas guiadas gratuitas para grupos previamente agendados. No Cemitério da Consolação, através de uma iniciativa privada, o grupo CemitérioSP, em parceria com o Serviço Funerário Municipal realiza passeios monitorados com até 15 pessoas nesta necrópole. Tais organizadores afirmam que o número de visitantes chega a 300 por mês<sup>5</sup>. Na capital gaúcha, a Prefeitura, através do Programa Viva o Centro a Pé, realizou, até a presente data, três edições de visitas guiadas nas necrópoles da Santa Casa e da Comunidade Evangélica de Porto Alegre. A primeira vez teve 150 participantes e a segunda cerca de 300 pessoas<sup>6</sup>. No município de Almirante Tamandaré, região metropolitana de Curitiba, um grupo privado propõe a construção de um cemitério vertical em forma de pirâmide que sirva também como um ponto turístico.

Tal necrópole contará com doze andares, restaurantes, um mirante, hall para exposições funerárias, museu, um anfiteatro e cinema, além de oito salas para velórios. Pretende-se reservar áreas específicas para o sepultamento de personalidades da vida pública brasileira. Na área externa será erguida uma réplica do Cristo Redentor com vinte metros a mais que o original. O ambicioso projeto em tela tem como objetivo, primordial, de atrair mais turistas para o Paraná, constituindo-se em mais uma atração no estado<sup>7</sup>. No Rio de Janeiro, embora, desde 2002, existam propostas para a realização de um levantamento do acervo histórico e artístico dos cemitérios públicos para resultar na criação de roteiros turísticos específicos a esses locais, até o ano de 2013 estas ideias não foram colocadas em ação. Entretanto, dos vinte e um campos santos presentes no município, apenas o Cemitério de Paquetá é visto como uma atração turística pela RIOTUR – órgão executivo da Secretaria Especial de Turismo do Município<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> <http://www.cemiteriosp.com.br>.

<sup>6</sup> <http://www2.portoalegre.rs.gov.br>.

<sup>7</sup> <http://www.grupobomjesus.com>.

<sup>8</sup> <http://www0.rio.rj.gov.br/riotur/pt/atracao/>.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo, entendido como um fenômeno social, auxilia na visibilidade de diversos espaços e lugares, e os mantém como recursos ativos nos dias atuais. Desde a sua concepção, os cemitérios do contexto higienista tiveram como objetivo propiciar um local para sepultamento, conjugando ideais sanitaristas, e para a prática de lazer e recreação, constituindo-se, ao mesmo tempo, em um parque e em um campo nostálgico que emana diversas memórias e identidade de trajetórias individuais e coletivas.

Com o decorrer do tempo, a função recreativa das necrópoles foi deixada de lado, no qual a população passou a utilizar outros equipamentos específicos de lazer. Com a constante valorização da cultura e história da cidade, os campos dos mortos foram resgatados e enfatizados como sítios de lembranças, artísticos e turísticos. Observa-se que a partir do turismo muitas necrópoles sofreram processos de preservação e restauração. Cabe sublinhar, isto não ocorreria se não fosse por esta atividade, na qual a prática turística surge como uma ferramenta assistencial para a conservação dos campos dos mortos. Entretanto, o turismo não irá salvar, proteger e nem realçar todos os cemitérios, mas só aqueles que apresentam potencialidades e elementos possíveis de serem comercializados.

Para estabelecer e consolidar esta modalidade no Brasil é preciso um maior investimento e divulgação, assim como parcerias entre as esferas públicas e privadas, entre os cemitérios e a sociedade em geral. Necessita-se de uma informatização e catalogação dos monumentos, túmulos e esculturas tumulares das necrópoles, bem como a criação de panfletos com mapas, fotos e dados sobre a localização de tais túmulos, com as informações a respeito das personalidades sepultadas. Propõem-se, da mesma forma, programas de capacitação de guias especializados nesse turismo cemiterial. Se manejado corretamente, o turismo torna-se um valioso instrumento para que os cemitérios não sejam esquecidos.

#### REFERÊNCIAS

ALVES JUNIOR, Nilo. **Turismo religioso – De Santiago a Canindé**. Fortaleza: SENAC, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

\_\_\_\_\_. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, vol. I, 1981.

ASTRIÉ, Théophile. **Guide dans les cimètieres de Paris**. Paris: Libraire-Éditeur, 1865.

CABANAS, Ana e RICCI, Fábio. Turismo em necrópole: Novos caminhos culturais a serem explorados no Vale do Paraíba Paulista. In: **Revista Eletrônica Turismo Visão e Ação**, vol. 10, n.3, 2008: 378-398.

COE, Agostinho Júnior Holanda. **“Nós os ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos”**: a higiene e o fim dos sepultamentos eclesiástico em São Luís (1828-1855). Dissertação (Mestrado em História Social). Fortaleza: UFCE/Departamento de História, 2008.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Os cemitérios e a espacialização da morte. In: RATTTS, A.; ALMEIDA, M. G. de. (Orgs.). **Geografia: Leituras Culturais**. Goiânia: Editora Alternativa, 2003: 237-260.

FERREIRA e SILVA, Mauro Gil. A praia e o imaginário social: discurso médico e mudança de significados na cidade. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001: 183-206.

FIGUEIREDO, Olga Maíra. **Uma contribuição geográfica para o entendimento do Cemitério dos Ingleses na urbe carioca**. Monografia (Graduação em Geografia). Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Geografia, 2010.

FLEURY, Dóris. Finja que não viu. In: HEREDIA, Alexandre *et all*. **Necrópole – histórias de fantasmas**, volume 2. São Paulo: Editora Alaúde, 2006

FRANCAVIGLIA, Richard V. The cemetery as an evolving cultural landscape. In: **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 61 (3), 1971: 501-509.

JOHNSON, Peter. The modern cemetery: a design for life. In: **Social e Cultural Geography**, vol. 9 (7), 2008: 777-790.

JORDAN, Terry G. **Texas graveyards: A cultural legacy**. Austin: University of Texas Press, 1982.

MARTIN, Susan K. Monuments in the garden: the garden cemetery in Australia. In: **Postcolonial Studies**, vol. 7, n.3, 2004: 333-352.

MEYER, Lancer e PETERS, Judy. Tourism – A conservation tool for St.Louis Cemetery Nº1. In: **Dead Space Studio**, University of Pennsylvania, 2001. (Disponível em: <<http://cml.upenn.edu/nola/pdfs/Tourism.pdf>>. Acessado em 6 de novembro de 2013).

MILLER, DeMond Shondell e RIVERA, Jason David. Hallowed ground, place, and culture - the cemetery and the creation of place. In: **Space and Culture**, vol. 9 (4), 2006: 334-350.

MURRAY, Lisa. ‘Modern innovations?’ Ideal vs. reality in colonial cemeteries of nineteenth-century New South Wales. In: **Mortality**, vol. 8 (2), 2003: 129-143.

OSMAN, Samira Adel e RIBEIRO, Olívia Ferreira. Arte, história, turismo e lazer nos cemitérios da cidade de São Paulo. In: **Licere – Revista do Programa Multidisciplinar de Mestrado em Lazer/UFMG**, vol. 10, n.1, 2007: 1-15.

PITTE, Jean-Robert. A short cultural geography of death and the dead. In: **GeoJournal**, vol. 60, 2004: 345-351.

QUEIROZ, Francisco. Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. In: **Anuário 21 Gramas**, n. 1, 2008: 7-12. (Disponível em: < <http://www.21gramas.com>>. Acessado em 30 de outubro de 2011).

QUEIROZ, Francisco e RUGG, Julie. The development of cemeteries in Portugal c.1755 – c.1870. In: **Mortality**, vol. 8 (2), 2003: 113-128.

REIS, João José. **A Morte é uma festa – ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 4ª edição.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **O Céu aberto na terra: uma leitura dos cemitérios na geografia urbana de São Paulo**. São Paulo: Necrópolis, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cemitérios**. São Paulo: Necrópolis, 2008.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradição e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Divisão de Editoração, 1997.

ROSSI, Michela. Cemeteries as heritage monument: experiences for conservations and rehabilitation of La Villeta in Parma. In: **E-conservation**, n.1, 2007: 100-124. (Disponível em: < <http://www.e-conservationline.com>>. Acessado em 23 de janeiro de 2012).

RUGG, Julie. ‘A few remarks on modern sepulture’: current trends and new directions in cemetery research. In: **Mortality**, vol. 3 (2), 1998: 111-128.

\_\_\_\_\_. Lawn Cemeteries: The Emergence of a New Landscape of Death. In: **Urban History**, vol. 33 (2). Cambridge: Cambridge University Press, 2006: 213-233.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVERMAN, Helaine. Narratives of identity and history in modern cemeteries of Lima, Peru. In: **Archeological Papers of the American Anthropological Association**, vol. 11, 2002: 167–190.

STONE, Philip R. Dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. In: **Tourism**, vol. 54, n.2, 2006: 145-160.

THOMPSON, Sara Kathleen. **From sacred space to commercial place – a landscape interpretation of Mount Pleasant Cemetery**. Thesis of Geography (Master of Arts). Kingston: Queen’s University, 2007.

ZIEGLER, Jean. **Os vivos e a morte: uma “sociologia da morte” no Ocidente e na diáspora africana no Brasil, e nos seus mecanismos culturais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.